O Gaiato

2 DE DEZEMBRO DE 1967

ANO XXIV — N.º 619 — Preço 1$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Setúbal

A mãe dos três «Boas» está no Albergue.

É uma atrazada mental. Um farrapo humano vestido de mulher. É Mãe. Alguém escreveu o que o seu coração ditou. «Senhor prior da Casa do Gaiato, mande-me uma fotografia dos meus filhos que tenho muitas saudades deles».

Eu guardei o postal no montão da correspondência. Ontem fui dar volta. Quis despachar tudo. Escrevi àquela mãe que eu conheço e pús dentro uma fotografia do Xico. Antes de fechar lembrei-me: — esta pobre mulher há-de gostar muito mais de receber uma carta escrita pela mão de um fruto de seu ventre.

Chamei o mais velho. O Carlos Alberto. Ele veio ao escritório. Eu quis conversar com ele. Olhei-o de frente. Os rapazes na sua expressão selvática, mas muitas vezes caracterizante, chamam-lhe «O burro». Eu proibi por amor à sua dignidade humana. Olhei a sua face e trespassei-me de dor na contemplação do seu aspecto. Enchi-me de remorso! Há cinco anos que ele mais os outros dois irmãos são nossos. A caracterização brutal, mas expontânea, dos seus companheiros tem algo de objectivo. Ao seu pai que comia os restos nos caixotes de lixo e vendia castanhas nas ruas de Setúbal chamavam-lhe «O burro».

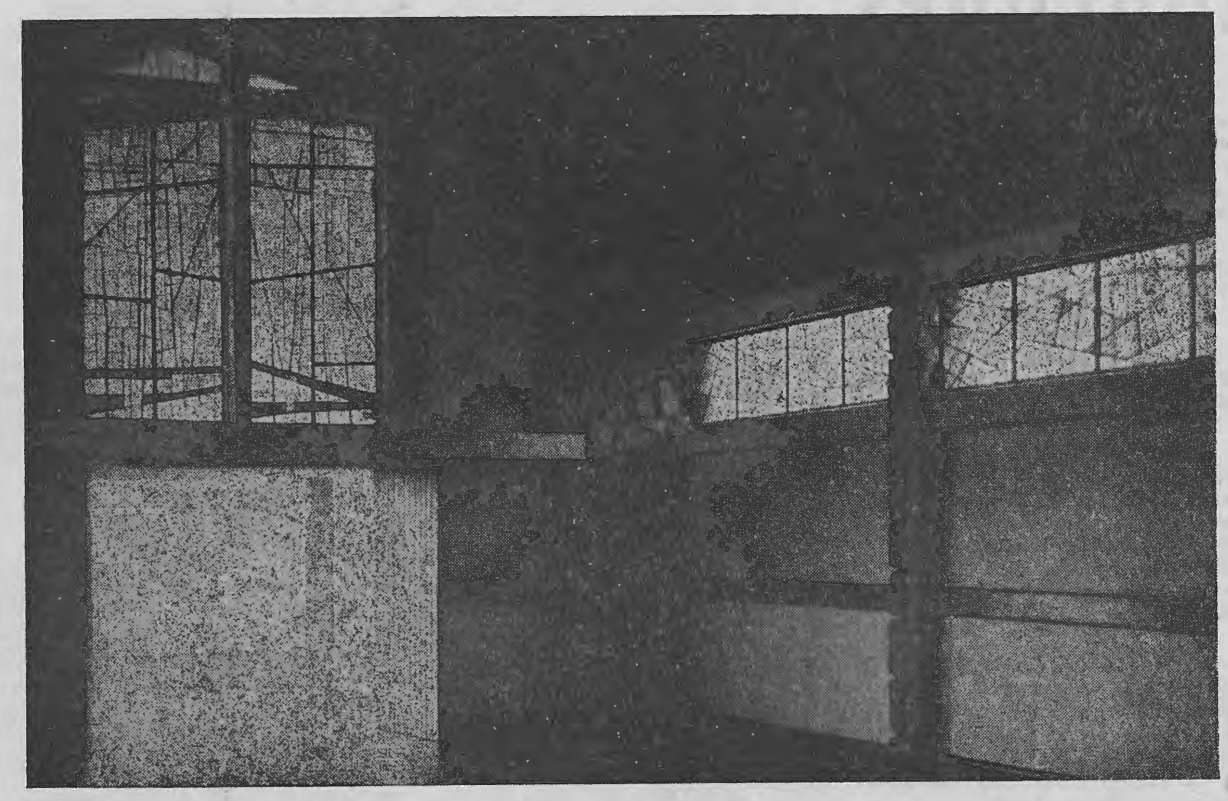
— Ouve lá, Carlos Alberto, tu vais escrever uma carta à tua mãe. Em que classe andas?

O meu interlocutor tem 14 anos. Os seus olhos estão sempre vermelhos e banhados de uma doença que tem sido pertinaz, apesar dos tratamentos.

— Ando na primeira.

Ficámos silenciosos. Eu aflito. Ele inconsciente. Volto a olhá-lo. Um peito arqueado debaixo da roupa que o cobre e uns braços alongados e finos, dizem-me da fome que passou. Está ainda a sofrer de um raquitismo enorme.

CONTINUA NA SEGUNDA PÁG.



Outra imagem da nossa Capela de Malanje.

Lourenço Marques

Graças a Deus, chegámos em boa hora. Todos nos dizem que o momento é oportuno e a Obra necessária. Os primeiros contactos estão feitos. No passado domingo, 12 de Novembro, aparecemos na Catedral e na Igreja de Malhangalene onde, acolhidos fraternalmente pelos respectivos Párocos, anunciámos a Boa Nova de que somos portadores: o Evangelho aos Pobres e abandonados e por eles a todos os que nos ouvem. Ficou muita semente lançada e a germinação, que confiámos ao Senhor, resultará a seu tempo, ou podemos mesmo dizer ter começado. Nestas duas Igrejas deram-nos a passar de vinte e dois contos e várias promessas de ajuda. Ao outro dia, um casal veio procurar-nos a Casa. Pessoas de vida modesta mas de muita fé. «Eu peço todos os dias a Deus que me abra o coração». E deixaram recado de passarmos todos os meses por sua casa, para trazer mercearias. E que um seu irmão «a quem Deus tem ajudado muito», residente na África do Sul, foi à Missa à Catedral e quis deixar uma ajuda. Foi-se a ver e eram vinte mil. É Deus quem toca os corações e por isso a Obra vai arrancar com entusiasmo. Quanto nos enche o coração o dar escondido dos que já vieram ao nosso encontro! «É para ajuda da compra das camas dos rapazes». «É para celebrar uma Missa». Deram cinco mil escudos cada. Outros vieram trazer batatas e ovos e mimos da sua mesa. Uma senho-

Continua na SEGUNDA página

Casamento do João e da Bernardina

HOMILIA

«Gaudeámus...»

Sim, «alegremo-nos todos no Senhor ao celebrarmos esta Festa em honra de todos os Santos. Os Anjos associam-Se à nossa alegria e ao nosso louvor».

A Igreja, porém, como se não fôra bastante o convite e a afirmação expressos na antífona, completa o cântico de entrada da Missa deste dia, com a palavra mais definida que o Salmista lhe oferece: «Aos justos, aos de coração recto, convém o louvor em comum».

A vossa presença aqui é o «amen» significativo de adesão a estes júbilo e louvor que unem no Céu e na Terra os Anjos e os Santos (que à raça d'Estes pertencem «os rectos de coração»!). Contribuindo para que seja felizmente incontável a multidão dos «assinalados» pelo Anjo do Senhor, também nós queremos entrar no coro dos que «clamam em alta voz: Salvé o nosso Deus, que está sentado no trono e salvé o Cordeiro».

E não nos falta motivo estimulante a uma tal circulação de alegria: Um homem e uma mulher a quem nos prende o amor incarnado que a proximidade proporcionou, vão abrir, tendo-nos por testemunhas interessadas e responsáveis, um caminho mais perfeito do que o até agora percorrido. Disse: interessados, porque o aperfeiçoamento deles redundará sobre nós próprios; e responsáveis, porque o nosso aperfeiçoamento ajudará o deles.

Em clima de comunhão profundamente alicerçada no Senhor, vamos, pois, festejar, inserindo-o no Sacramento maior da unidade que é a Eucaristia, esse outro «mistério grande» de unidade e de compromisso perene que é o Matrimónio.

x x x

Falei-vos, ainda não há um mês, queridos Rapazes e noivos de hoje, lá da nossa Capelinha

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Lourenço Marques

Como antigo cronista de Paço de Sousa, embora, sem que sermão me fôsse confiado, desejo ser o primeiro em edição única, desta Princesa do Indico.

A «Obra da Rua» chegou para ficar em Lourenço Marques, na manhã quente de 5 de Novembro de 1967. E foi bem a **palavra nova!...**

Ia dar-se a multiplicação dos pães e o regresso a Nazaré. Nazaré Negra. Diferente da outra; mas Nazaré.

SIMPLICIDADE — Não houve recepções triunfais. Não houve entrevistas de repercussão. Tudo muito nuzinho e despido de vaidade. Quem havia de dizer que a verdade é assim tão fácil? É bem a verdade exacta do grão de mostarda.

ELES E A CAMIONETA — Ela de carga, carregando malas. Sentados, estavam alguns com boinas da Madeira, outros, de cabeça exposta ao sol tropical, depois de o Snr. Padre Carlos ter concluído as demarches na Alfândega.

Apareceu a simpatia do Luís Lopes, a alegria sã do Waldemar Soares, a presença agradável do Abel Barros e esposa, e netos da Obra. A simplicidade do Tomás, mulher e rebento. A virilidade do Júlio que será o Máchambeiro-mor do primeiro passo da «Obra da Rua» em terras do Oriente Africano. A presença simpática de uma cadela a que chamavam «laica» que nos propusemos fôsse «mimosa», mas parece que a coisa não colou! Os cães também fazem **história** nas Casas do Gaiato. **Top, Nero, Marão** e **Dado** são exemplos bem frisantes. A boa presença do Quim e prole. O sorriso de João e mulher transportaram-nos a Paço de Sousa. Apesar do calor que se fazia sentir, a melhor coisa que tivemos naquele momento, foi uma agradável sensação de frescura pela jovialidade da caravana.

E a camioneta seguiu, levando dentro Snr. Padre Zé Maria, atravessando a cosmopolita cidade de Lourenço Marques a caminho do quilómetro quinze da Estrada de Marracuene.

NOTA... DE GRAÇA... — Então Bino, ainda és um grande jogador?

— Nem por isso, ando com calcanhar deslocado...

— Como? Assim...

— Deve ter sido da massa que comemos a bordo. Livrei-me da farinha de pau, mas a massa, sem ser notas... tem vindo a fazer as honras da jornada...

Já vinhamos há pedaço a observar a fatiota, os óculos e as maneiras, precedidas de gestos bem estudados e atirámos:

— É amigo, nem pareces o mesmo! Cresceste **maningue**... E tens assim uns ares a modos que de cónego...

— Confesso que nunca gostei de gracinhas... Não tenho culpa de parecer «um senhor»... Acertámos em cheio ao notar que ele foi aos arames porque não sabíamos... palavrinha que não, que se chamava «sr. Cardeal»... Afinal o apelido foi muito mais bem posto do que pensávamos...

O DESABROCHAR DAS FLORES — A nota, para nós mais simpática de todas, diríamos enternecedora, foi a presença de netos da Obra. Os do Abel, o do Tomás, os do Quim... Mas sobretudo o mais velho deste conquistou-nos a alma num ápice. Que coisa mais grandiosa a presença destes **templos!...**

A CASA DO GAIATO — Assistimos à abertura, em Vildemoinhos, de «Belém»... Neste momento lembrámos os nossos tempos de **cronista!** Muito, muito singela, a abertura da primeira Casa do Gaiato em Moçambique, mais precisamente, às portas de Lourenço Marques.

Snr. Sousa Pinto, esposa e filha, Snr. Américo Galamba, pai do Rogério e encontro deste com o seu irmão Renato. Coisa bonita! Até a refeição soube melhor! Uma pequena família reunida. O entendimento dos corações. A comunicação das almas. A Obra da Rua esteve nas Bodas de Caná!

Daniel Borges da Silva

✖

Benguela

REPORTAGEM DO CASAMENTO DO JOÃO E DA BERNARDINA

O dia primeiro de Novembro, um azougado, activo e quente dia — a que este negro Continente de África está acostumado, por natureza — foi para nós, gaiatos de Benguela, dia festivo, não só pelo facto da «festa de Todos os Santos», como também (aqui o ponto onde quero chegar), pelo enlace matrimonial do nosso João Mourato, então João de Setúbal, com Bernardina Loureiro.

Este facto, para além dos que nas Casas do Gaiato se têm cerimoniado, infundiu em nós uma genuína alegria, e, se é lícito acrescentar, talvez mais profunda que aquelas que a nossa comunidade das restantes casas tem sentido, pois que o dito casamento foi o primeiro que entre nós se deu.

Com o início das cerimónias marcadas para as nove e meia da manhã, os primeiros convidados começaram a aparecer com alguns minutos de antecedência, e logo de seguida rompeu, do fundo da avenida, o cortejo de carros com a noiva na viatura da frente.

Seguiram-se, junto à capela, as agrupadas assembleias: apertos de mãos; falares; risotas; enfim, tudo aquilo que o leitor, se for textualista, pode imaginar do entusiasmo que estas coisas produzem. De seguida, após um repique do sino da modesta capela, recolhidamente demos entrada nesta, tomando os nossos lugares, a fim de participar no grande Mistério...

E começou a Santa Missa!...

Com os noivos abeirados do Altar, ladeados pelos padrinhos, e a assembleia logo atrás, dialogaram-se as orações entre o sacerdote e os fieis, orações estas soltas do fundo dos corações intercedendo a Deus pelos noivos.

À Homília, o Snr. Padre Carlos falou do passado de namorados, do presente de noivos e do futuro de pais, a tudo dando o seu respectivo valor fundamental. E disse mais e mais...

Chegou enfim o momento do interrogatório sacramental do matrimónio. Mais silenciosa que nunca, a assembleia escutava, atentamente, o diálogo travado entre o sacerdote e os noivos. Momento de reconciliação!.. Após uma pergunta do Pai do Céu, que presidia na figura do sacerdote, seguia-se o — Sim! — Quero! (...). No final alguém nos considerou testemunhas do solenissimo acto.

No momento da Comunhão, abeiraram-se da Mesa do Banquete todos quantos sentiam fome do Alimento Divino. «Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele». E todos levaram Deus na Alma.

Com a marcha da Igreja, entoada pelo grupo coral, terminou a Santa Missa.

Assim que os noivos dobraram a porta-mor da capela foram saudados com pétalas de flores e abraços... Seguiram-se, depois, as fotografias com os gaiatos, com os padrinhos, convidados, etc...

Depois de algum tempo disperso na habitual euforia, demos entrada no amplo refeitório da Casa-Mãe. Era o copo-de-água que ia começar. As mesas, fartamente cheias de iguarias, convidavam-nos a não dar tréguas ao que quer que fosse. Tudo devorava com avidez e gosto e bebiam que nem uma esponja... Ninguém ficou sem festa! — Pai Américo não faltou, numa estante embandeirada, envolto em verdes. — Não que o seu retrato nestas festas tão modestas já é tradição! Os gaiatos querem, exigem a sua presença naquilo que é seu fruto. E Pai Américo sorriu mais uma vez, num sorrir duradoiro e mensageiro... — Isto é a Casa do Gaiato!!!

E tudo comia... E tudo folgava! De lá para cá e vice versa, num vai-vem constante, os serventes de mesa mostravam-se incansáveis, ora trazendo isto, ora levando aquilo, ora trazendo aqueloutro, etc...

O copo-de-água acabou ao som de música, reproduzida por um gira-discos. E só ás quatro e meia, quando o ambiente já era mortiço, se pôs termo à festa.

— Com alguns abraços de despedida aos noivos, os festejos do casamento chegaram ao fim.

Para dar por concluída esta reportagem resta-me, em nome da Casa do Gaiato, agradecer ao simpático grupo de senhoras que muito contribuiu para que no copo-de-água nada faltasse, e desejar ao jovem casal inúmeras felicidades no porvir.

Joaquim dos Santos Silva

✖

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

OS NOSSOS POBRES — O Snr. Carlos, desempregado, regressou de novo a Paço de Sousa. A doença mina-o já de tal forma que tem de optar pela «cura» ou pela morte lenta.

Ele e a mulher vieram até nós. Caras de fome! Porém, resignados. Edifica, sim, o seu testemunho pessoal — mas não deixa de ser para o mundo uma acusação de retrocesso social, em plena era do átomo e das conquistas sociais.

Mesmo retraído, ainda conseguia falar. Todavia, a mulher era de cabeça baixa, envergonhada. A cruz áspera da vida roubou-lhe cedo a juventude!

Ouvimo-los pacientemente. E escutámos todas as necessidades.

Precisam, para já, de casa, pois a da sogra é pequena demais. E ele não quer ser internado em um sanatório sem conseguir — e muito bem — tecto para mulher e filhos. Mas estes precisam de leite. Muito leite! Ele, também. E mais coisas.

Como é nossa missão, abrimos as mãos e os bolsos da Conferência. Que importa ter ou não ter?! A necessidade obriga. E obriga, sobretudo, a despertar quantos vivam melhor que os crucificados deste quadro doloroso, imagem de Cristo padecente.

Vamos com a renda de casa para a frente. E o custo do leite. Vamos por aí fora até onde for possível e necessário!

Quem dera solução para este caso! Era mais cristão. Que de remedeios está o orbe cheio — e muito remendado!

VEM AÍ O NATAL — E não tarda! Como é costume, nas vésperas do grande Dia ocupar-nos-emos da Consoada para os nossos Pobres.

Todos contam connosco. E por coisas boas! É natural; porque tradição já muito enraizada, desde os primórdios da nossa acção vicentina na paróquia.

Esperamos alegre e confiadamente na presença material dos leitores — assim como eles aguardam a nossa. Esperar e confiar — ter Fé — eis a missão do recoveiro dos Pobres.

Júlio Mendes

LOURENÇO MARQUES

Continuação da PRIMEIRA pág.

ra, uma máquina de costura, brinquedos e um Cristo negro. «É o Cristo de Africa, diz ela. E eu que andava à procura de um, por tanto o desejar a presidir na nossa Casa.

Já que temos vindo a dizer da generosidade do Povo de Lourenço Marques, convém falar do nosso trabalho. Estamos com duas casas em construção para os casais colaboradores. Quando esta crónica lerem já uma, a do Júlio, deve estar nos acabamentos e a outra bastante adiantada também. Com a nossa Casa arrumada, os rapazes distribuiram-se pelos vários serviços: cozinha, limpeza, rouparia e alfaiataria, sapataria e carpintaria — onde, em acomodações mais que deficientes, vão dando conta do seu recado. Alguns, ainda disponíveis, vão ajudando nos trabalhos da horta, que, se o tempo fôr de feição, irá dar os primeiros mimos para a nossa mesa, dentro de poucas semanas. Entretanto pensamos nos trabalhos de enxugo e terraplanagem da quinta, e só depois faremos as primeiras lavras e aguardaremos em esperança que a terra dê o alimento dos nossos!

A nossa direcção é: Casa do Gaiato — S. Tiago de Infulene — Lourenço Marques.

Padre José Maria

Cont. da PRIMEIRA pág.

Eu relembro a cena vivida há cinco anos na serra de Brancanes. Eram três no mesmo caixote. Ali comiam — havia côdeas e migalhas de pão; ali sujavam — havia excrementos humanos e farrapos embebidos em urina; ali viviam — estavam os três — e ali dormiam aquecendo os corpos uns dos outros. Eu pensei que o Carlos Alberto andasse na 3.ª classe e pudesse já dar notícias à sua mãe de si, do Manuel Gilberto e do Xiquinho. Mas não. Pecados meus. Eles precisam tanto de comer carne e beber leite. Leite temos das nossas vacas. Mas carne? Quem lhe chega? Um quilo de bife são 50$00. Ele precisa de comer tantos quilos de bife meu Deus! Há dias alguém que os viu nús a tomar banho na nossa piscina veio desabafar-me a impressão da sua magreza e eu respondi: É por causa da abundância dos seus filhos.

Se tu irmão, ou irmã, tirasses um pouco aos teus e me mandasses para os meus o vulcão de remorso em mim seria menor.

Uma senhora que mora em Lisboa com raízes em Setúbal manda-me todos os meses cem escudos para o pão de uma família pobre. Há anos. Tem sido perseverante.

Nos meus princípios, uma outra, M. M. do Porto, que não sei se vive, perseverou durante longo tempo. Contraíu dívidas, como ela dizia para a casa de uma família pobre. Quem é que agora levanta o dedo e manda para o quilo de bifes que eu preciso de comprar duas ou três vezes por semana?

O Vivaldo, não queria sair do hospital. Armou fita: — Cá comem-se muitos bifes. E ao Daniel fui encontrá-lo a almoçar com três no prato: — a gente lá nunca come bifes!

Padre Acílio

PATRIMONIO DOS POBRES

Padre Carlos não quis partir para Angola e Moçambique sem deixar sua zona em dia. Foram dias e noites seguidos a responder a um volume grande de cartas amontoadas. O livro de cheques ficou esgotado. Tão esgotado como quem teve de preencher e assinar.

Nós temos procurado não nos preocupar demasiadamente com o dinheiro e temos sempre respondido de mão dada a todas as aflições que julgamos verdadeiras. Mesmo quando a luz do depósito se está a extinguir! Nessa altura vem alguém a alimentar a luz.

Agora ficamos na expectativa de não podermos responder presente a qualquer chamada mais urgente. Mas esta posição demorou pouco, pois o correio trouxe-nos um ofício a dizer que Ministro das Obras Públicas havia despachado cinquenta. Diante da pequenina quantia para alimentar a fonte de tantas bicas só tivemos uma atitude: alegrámo-nos e ficámos na esperança desta pequenina quantia ser o começo de muitas outras a **Bem da Nação.**

O mesmo correio trouxe-nos também esta carta: — **«Sou uma jovem enfermeira e trabalho numa maternidade, onde esteve internada uma senhora para dar à luz o seu 7.º filho. Foi operada e ficou bastante fraca, pois é já de uma idade avançada, de aspecto cansado e envelhecido e só falava nos filhos.**

Pai tuberculoso, esteve internado e agora piorou e está cada vez mais doente. Habitam uma casa...? feita com caixotes de sardinha, com uma só divisão. Fica situada num pinhal a 4 km da cidade.

Agora que nasceu mais um e que estou a par de todas estas misérias sinto que tenho responsabilidade, se nada fizer por eles.

Padre — desculpe o pedido, mas não há posibilidades de arranjar uma casa para este casal? Quando no meu quarto, lembro-me ainda mais desta família que é afinal família nossa, visto sermos irmãos. Não sei o que fazer.

Sei também que estas crianças comem quando têm e quando não têm não comem. Quando a mãe esteve internada elas comiam figos ou qualquer outra fruta que encontrassem pelas terras.

Conheço e admiro a Obra fundada pelo Pai Américo e tenho esperanças que o meu pedido irá ser aceite.

Que Deus nos ajude a amar mais os nossos irmãos».

Também esta carta podia trazer o timbre de **A Bem da Nação.**

Se estas famílias não forem hoje amadas; se estas crianças continuarem a alimentar-se de figos colhidos nas terras alheias hão-de ser um dia necessàriamente contra a Nação.

E a Nação somos todos nós. Todos nós e de modo especial o povo de Deus consciente. São irmãos doentes, com filhos, alojados em barracas e caixotes de sardinha, sem divisões. São tabuletas altas com inscrições de condenação para nós que passamos sem dar conta da Sua presença.

Esta jovem enfermeira não sabe que fazer. Tem esperança na solução deste drama que a aflige. E acerta na porta a que bateu: «Que Deus ajude a amar mais os nossos irmãos». Aqui está o segredo. O segredo está no amor e não no dinheiro.

O Património dos Pobres é uma testemunha de amor. Quando têm aparecido almas a amar os irmãos, logo o dinheiro salta e com ele se realizam as obras materiais.

Os já milhares de famílias abrigadas são a maior prova de afirmação.

Padre Horácio

Uma Carta

«Foi por acaso que me chegou às mãos um exemplar de «O Gaiato». Quando há semanas tomei parte na Missa celebrada em Monte Real pelo sr. Padre, à saída da igreja dois rapazinhos vendiam o jornal. Não conhecia. Comprei, meti num bolso e só hoje me dei ao trabalho de ler. Vale a pena. É superior... Por enquanto não peço para mo mandar regularmente. Para agora quero que me mandem pelo correio e à cobrança o último número e o façam acompanhar dum livro do Padre Américo.

Seguém 20$00 em selos de correio para a «Obra da Rua».

Que Deus vos ajude».

Aqui Lisboa

Só Deus sabe como nos consolaram receber esta semana dois donativos, um de 200 e outro de 250 escudos, não pela sua expressão numérica mas pelo seu profundo significado espiritual. Efectivamente, «uma pequena pedra para «A nossa Aldeia» que esperamos com a ajuda do Senhor seja uma realidade dentro em breve» e um «donativo de gente pobre para a Obra do Padre Américo» são contributos morais valiosos para quem, embora sabendo que Deus não dorme, se vê muitas vezes a braços com dificuldades tremendas, tendo em vista as obras em curso e as necessidades prementes e inadiáveis do dia a dia, respeitantes a uma comunidade de mais de cem pessoas. Agradaram-nos sobretudo aquele possessivo de «Aldeia» e o saber de «gente pobre» a origem do segundo contributo, a atestarem, na sua simplicidade que ainda há quem compreenda como suas as exigências dos irmãos mais pequeninos e que os mandamentos se resumem nestas palavras: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

Aparte um grupo estrito de Amigos de primeira ordem, sempre atentos a todas as horas, temos sentido um abrandamento notável nas presenças em ordem à construção dos edifícios que hão-de constituir a «Nova Aldeia», que assim será chamada o futuro conjunto habitacional. Não somos pessoa para desânimos, sobretudo sabendo que Deus está presente, e por isso continuaremos no nosso posto, lutando animosamente, suportando as vicissitudes que houvermos de encarar como sinal próprio das coisas que nos transcendem. As dezenas de contos que necessitaremos imediatamente para o ferro das oficinas não deixarão de aparecer. Por esta e outras necessidades esperamos que os Reverendos Párocos da Capital nos facultem a entrada nas igrejas à sua guarda e que os Amigos de sempre nos continuem a amparar, a fim de, dentre em breve, a nossa «Nova Aldeia» ser uma realidade.

x x x

Um padre, numa Casa do Gaiato, tem que ser de tudo um pouco. De lavrador a médico, passando pelos sectores oficinais e administrativos, sem esquecer a própria razão fundamental do seu próprio sacerdócio, há lugar para tocar as mais variadas teclas e nos mais variados tons. Desde arrancar dentes, dar injecções ou cortar unhas, apertar atacadores ou apanhar azeitona, carrear latas ou carregar pedra, tudo é possível suceder, sem faltar, uma vez ou outra, o odor próprio de quem limpa um miudo ou recebe as suas «águas» numa distracção de momento. Por entre as nossas misérias e limitações, sabe bem sentir que tudo o que fizermos ao mais pequenino dos nossos irmãos é ao Senhor que o fazemos. Se os homens soubessem como é bom amar!

x x x

É chegado o tempo invernoso. Por isso terminamos hoje por vos lembrar o calçado esquecido na arrecadação e que já não serve para os vossos filhos; os nossos lhe darão sentido. Lã, lã de todas as cores e qualidades, é o que a nossa máquina de fazer camisolas pede. Pode ser que não falte quem nos leia e queira aquecer-se ajudando a aquecer os nossos Rapazes.

Padre Luís

Visado pela
Comissão de Censura

TRIBUNA DE COIMBRA

Por vezes chegam-nos perguntas se recebemos isto ou aquilo que nos foi enviado pelo correio ou por mão de alguém ou deixado nos n/ depósitos da cidade. Nós estamos convencidos de que nada fica pelo caminho e não perguntes se serve ou tem utilidade. Se não serve para nós serve para os outros. Numa das nossas casas tudo tem utilidade.

Vamos hoje dar nota exterior daquilo que nos tem chegado desde Abril, pois a Deus vamos dando os teus recados, todos os dias.

Cinquenta de Paço de Sousa; cinquenta em carta; visitantes da Figueira com 360$; deles de Pombal com 174$; visitante brasileiro com cem; quinhentos de Lisboa; quinhentos no aniversário; 130$ de visitantes; trezentos de Tentúgal; vinte no Lar; dois porta-moedas no Castelo. Não esqueças nada naquela casa, olha que vem ter às nossas mãos e fica bem entregue.

Quinhentos no Castelo; cinquenta na minha mão; vinte de igual modo; quinhentos para o Calvário; cem numa reunião; o mesmo do mesmo modo; quinhentos de aumento de ordenado; quinhentos para o Calvário; quatrocentos e quinhentos das Amiguitas; cinquenta no Castelo; muitos tome lá em Santa Cruz; dois mil para as obras do Lar vindos de Lisboa. Quanto eu desejo que comecem as obras, pois a casa que habitamos torna-nos a vida mais pesada. Falta ultimar o projecto e o nosso Bispo ainda não fez a entrega pública do terreno, mas vibra totalmente connosco. Depois é só o Pai do nosso Padre Acílio estar livre e organizar o estaleiro, pois vai ser ele a alma das obras.

Oitenta das guloseimas da Escola mista dos Casais; cem de dois meses; mil, mais duzentos, mais vinte + 20 + 20 + 20 em Santa Cruz; cinquenta num escritório; cem em vale de correio; quinhentos de uma admiradora de Coimbra; cem à mão; cinco mil levados ao Lar; quinhentos numa Farmácia. Vinte no Castelo; cinquenta da irmã dum dos nossos; duzentos e a visita de velhos Amigos de Dáfundo.

Vinte, mais vinte de visitantes; 520 levados ao Lar: cinquenta; mais cinquenta, mais cem do Entroncamento; cinquenta de Torres Vedras; quinhentos e dois cestos de maçãs e cinco garrafões de vinho e cem e cem e muitos mimos na Praia de Mira; duzentos e muito carinho de Ilhavo; duzentos mais quinhentos por Paço de Sousa; quinhentos em vale de correio; duzentos de visitantes; vinte de visitan-

Continua na QUARTA página

Casamento do João e da Bernardina

HOMILIA

Cont. da **PRIMEIRA** página

de Paço de Sousa, do mistério da escolha do outro, cuja chave está nas mãos de Deus, de Quem sòmente devemos esperar a revelação. E concluí que a resposta do par a tamanho dom divino é a fecundidade do casal, decididamente procurada no esforço de colaboração à graça própria do Sacramento do Matrimónio.

Quereria, seguindo as sugestões que a Liturgia de hoje nos presta, retomar este tema da fecundidade, nunca demasiadamente meditado.

Aliás, este tema é genérico da espiritualidade cristã e tem a sua expressão evangélica, clara, directa, na «parábola dos talentos». Sempre será verdade, para todo o homem que vem a este mundo, que **deve dar na medida em que lhe foi dado.**

Ora o homem sòzinho, de quem Deus se apiedou, recebeu na companheira (e reciprocamente) «o auxílio semelhante a si», o apoio extraordinàriamente conveniente segundo a sua vocação, para a caminhada longa e difícil que o espera até à meta da salvação. Um para o outro são dom de Deus, santificante, por conseguinte, como tudo o que desce do Pai das luzes. Dom que mùtuamente os enriquece em ordem à salvação; e um dos maiores pelo qual o homem e a mulher terão de prestar contas do rendimento conseguido ao longo da jornada em comum. A Graça é exigente. Não foi em vão que Cristo sacramentou o contrato matrimonial, elevando-o do plano da conveniência natural ao da grande conveniência de quem persegue a Eternidade. O que não fez em relação ao celibato, que, só por si, não tem valor sacro senão fôr objecto de uma consagração, expressa na profissão religiosa, ou implícita numa entrega de facto total ao serviço do Reino de Deus. «Grande sacramento» é este na verdade! E graças sejam dadas ao Senhor, porque a nossa geração vai esclarecendo a sua consciência desta «grandeza»!

Eis-vos, pois, João e Dina, no momento decisivo da vossa consagração ao serviço do Reino de Deus, que ides afirmar por um mútuo **quero**, forma do Sacramento que vos ministrais. Reparai que a vossa afirmação é pronunciada em resposta ao **queres receber...?** que vos perguntarei na qualidade de pai de família ungido pelo sacerdócio de Cristo. **Queres receber?...** é a prova final que precisa de ter a Igreja, que represento com os vossos Padrinhos e demais circunstantes. Ela provocará a palavra decisiva que haveis de responder livremente, a palavra do vosso compromisso até à morte, diante de Deus e dos homens, a palavra sacramental: **quero.**

Como o Bispo ao ordinando de sub-diácono, também a Igreja vos adverte prèviamente: «Pensastes bem no que ides fazer...?» «Estais preparados para todas as consequências do acto que ides realizar...?» «Tomastes consciência da responsabilidade de formação de homens que sobre vós cairá?» Sois livres... Ainda é tempo... Porém, se **quereis receber** a graça que na intenção divina sois um para o outro, **obrigais-vos a dar** de vós mesmos um ao outro, sem conta nem peso nem medida; e um pelo outro, aos outros que Deus constituir o vosso Próximo.

Dar, em termos de relação entre Deus e os homens, é sempre a resposta adequada a **receber**. Ninguém dá o que não tem. De válido só temos para dar, a Deus e aos homens, o que recebemos de Deus. Ele é a fonte única do Bem. Mas, nos Seus desígnios insondáveis, quis canalizar pelos homens a Água-Viva que dessedentará os homens. Ele a Fonte, nós as bicas. Entupidas, para que servem?! Ai de nós se estorvamos a passagem da Água-Viva!; se por nossa culpa A tornamos estagnada! Felizes porque recebemos! Desgraçados se não damos!

Em lógica cristã, em mística de diálogo, **receber e dar** são os dois tempos da circulação divina nos homens. Que o Senhor nos leve da vida para a Vida, como, quando quiser. Mas que não nos permita jamais a embolia sobrenatural.

x x x

Receber é, pois, um acto cuja **ciência** se aprende ao longo de uma vida e cuja **sabedoria** só o Espírito Santo dá.

Como Deus dá o que quer, a quem quer, o homem humilde, simples, disponível, recebe alegremente o que Deus dá; e retribui delicada, honestamente, dando do que lhe foi dado.

Descontraídos e felizes — dois num só: João mai-la Dina.

Ao contrário do que julga o homem cheio de si-mesmo e do espírito do mundo, não se dá do que se **tem**, mas do que se **é**.

Só nesta perspectiva podemos entender o Evangelho de hoje, o Evangelho das Bem-aventuranças, a **boa-nova** que nos revela o mistério da felicidade na contradição: «Felizes os pobres de espírito, os mansos, os que choram, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacíficos, os perseguidos, os amaldiçoados!»

O espírito de pobreza é uma característica evangélica da personalidade. Pobre de espírito foi o Santo Cura d'Ars como S. Luís, Rei de França; Teresinha de Jesus como a Rainha Santa Isabel.

A pobreza de espírito é um dom de Deus. Portanto, enriquece a quem é dada. Virtude, isto é, fôrça, dá ao homem uma capacidade que ele não tinha. Quem a recebe adquire um novo poder de dar.

Pobres de espírito são os que estão prontos a despojarem-se do que pode estorvá-los de seguir Jesus. Importam-se mais do que **são** que do que têm e consideram verdadeira riqueza os bens que recebem da Fonte de todo o Bem. Assim libertos, abrem-se em toda a sua medida ao trânsito da Graça que Deus quer fazer por eles. Recebem e comunicam. Dão porque recebem. O seu mérito está na fidelidade ao rítmo da circulação divina nos homens, na decisão dominante que os torna capazes de deixar tudo e todos, antes que comprometer esta circulação de Vida.

O amor mútuo, a harmonia conjugal são extraordinàriamente favorecidos por este espírito desprendido das coisas, que visa com interesse maior o enriquecimento essencial das pessoas em ordem ao seu destino eterno por meio do enriquecimento do casal em valores eternos.

Descendo mesmo ao campo da experiência, da minha experiência, eu não conheço nenhum casal desunido, entre os que procuram conscientemente progredir no espírito de pobreza. Pelo contrário, conheço alguns infelizes, por causa da ambição de um dos cônjuges, que se perde do amor do outro na paixão desequilibrante das riquezas.

Mas para vós, a pobreza de espírito não se vos oferece sòmente como sábia recomendação evangélica, que, seguida, propiciará o vosso amor e a sua eficácia na construção da vossa felicidade de casal. O João escolheu viver a sua vida ao serviço de uma Obra que lhe foi Mãe muitos anos e que é pobre de facto e «pobre por devoção».

A bem-aventurança evangélica a redigiu Pai Américo por outras palavras ao deixar-nos no seu testamento que «a nossa Pobreza é a nossa riqueza». Assim é na verdade. Os quase vinte e oito anos de existência da Obra da Rua, são uma confirmação irrecusável, porque experimentada, de que Pai Américo não se enganou.

A devoção da Pobreza que ele legou aos seus padres, há-de ser característica de todos os que quiserem servir a Obra em espírito de verdade. Poderemos, em certos momentos, ser obrigados a recrutar mercenários. Porém, a nossa ânsia de voluntários é o desejo de colaboradores comungantes no nosso ideal, desejo tão forte que nos tem levado algumas vezes a sacrificar a eficiência decerto maior de outros servidores, ao fim e ao cabo talvez mesmo mais económicos.

Praza a Deus que o vosso casamento neste dia, sob o signo do Evangelho das Bem-aventuranças, marque uma orientação à vossa vida de casal e vos lance num rumo de fertilidade para os outros na linha da «riqueza da Pobreza» que Pai Américo nos traçou.

O tempo sempre provocará em todos nós um desgaste que muitas vezes provém de querermos dar sem que primeiro tenhamos recebido. Sob a aparência de virtude esconde-se talvez uma forma subtil de amor-próprio, que compreenderemos melhor pelo opróbrio que os antigos julgavam da esterilidade. Então, será oportuno rectificarmos a nossa atitude e aceitarmos o convite de Jesus, cantado no Aleluia da Missa: «Vinde a Mim todos os que estais fatigados e sobrecarregados e Eu vos aliviarei». «Procurando o Senhor não nos faltará bem algum» — lembra-nos o Gradual. Então até a esterilidade ganhará um sentido fecundo. E embora «aos olhos dos insensatos pareçamos mortos, as nossas almas estão em paz».

Olhos postos no Senhor Jesus; ouvidos abertos ao «Sermão da Montanha» — que o Espírito de Deus desça e vos ensine e vos dê o gosto da Paz de Cristo, na Pobreza, na mansidão, nas lágrimas, na fome e sêde de Justiça, na misericórdia, na perseguição, na maldição. Então tereis realizado a pureza de coração que vos fará ver a Deus. Sereis pacíficos. Portanto com Cristo, por Ele, e n'Ele, sereis na verdade filhos de Deus.

REPORTAGEM:
Na página 2 em «Pelas Casas do Gaiato».

Tribuna de Coimbra

Cont. da TERCEIRA página

tes; duzentos de S. João da Madeira; mil de Lisboa e mais quinhentos para Manel e aflições; vinte para o Lar e vinte de Barcelos para o refractário; um vigésimo premiado com dez contos. Foi oferta de um rapaz pobre de bens terrenos e rico de generosidade.

Cinquenta do Porto; vinte+vinte em Santa Cruz; dez dólares do Alberto e agora mais cem para os Pobres; cinquenta +50 das Caldas; cinquenta em carta; quinhentos numa reunião; vinte à mão; quinhentos num casamento; mil e quinhentos dum voto; mil em casa; cem de visitantes; vinte de Oledo; cem de seminaristas; 500$ mais 250$ no Castelo; cinquenta de Gavião; uma remessa de telha para acrescentar as nossas oficinas, de Barbosa Coimbra. E mais nada.

Padre Horácio

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA **T. A. P.**
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE